



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

interface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho

Brasil

Bittar, Yuri; Alina de Sousa, Maria Sharmila; Claramonte Gallian, Dante Marcello
A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde: o Laboratório de
Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo
Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 17, núm. 44, enero-marzo, 2013, pp. 171-186
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180126429015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde:

o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina,
Universidade Federal de São Paulo*

Yuri Bittar¹

Maria Sharmila Alina de Sousa²

Dante Marcello Claramonte Gallian³

BITTAR, Y.; SOUSA, M.S.A.; GALLIAN, D.M.C. Esthetic experiencing of literature as a means for humanization of healthcare: the Humanities Laboratory at São Paulo Medical School, Federal University of São Paulo. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.17, n.44, p.171-86, jan./mar. 2013.

This study focused on the Humanities Laboratory of the Center for History and Philosophy of Health Sciences, Federal University of São Paulo (UNIFESP). Our objective was to analyze how this educational activity, which is grounded on the aesthetic and reflective experience promoted by reading classic literature, act and impacts on healthcare students and professionals, thereby giving rise to humanistic training and humanization within healthcare. Starting from qualitative methodology, based on participant observation and on the participants' oral life histories, this study sought to assess and understand how an educational activity based on humanities can be proposed as a way towards humanizing healthcare. Our results showed that this was an effective approach, in that the esthetic experience promoted by reading the classics created an effect among the Humanities Laboratory participants, thereby producing reflective momentum that resulted in changes at both professional and personal levels.

Keywords: Humanization. Humanities. Literature. Healthcare education. University.

Este estudo tem como objeto o Laboratório de Humanidades (LabHum) do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da Unifesp. Nossa objetivo foi analisar de que forma esta atividade formativa, fundamentada na experiência estética e reflexiva provocada pela leitura de clássicos da literatura, atua e impacta em estudantes e profissionais da área da saúde, promovendo a formação humanística e a humanização no âmbito da saúde. Partindo de uma metodologia qualitativa, baseada na observação participante e na história oral de vida dos participantes, procurou-se avaliar e compreender como uma atividade formativa baseada nas humanidades pode ser proposta como um caminho de humanização em saúde. Os resultados apontam a eficácia dessa abordagem, na medida em que a experiência estética promovida pela leitura dos clássicos afeta os participantes do LabHum, gerando um movimento de reflexão que redunda em mudanças no âmbito profissional e pessoal.

Palavras-chave: Humanização. Humanidades. Literatura. Ensino em saúde. Universidade.

* Elaborado com base em Bittar (2011); pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética Institucional da Unifesp.

^{1,3} Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM/Unifesp). Rua Botucatu, 720, Vila Clementino. São Paulo, SP, Brasil. 04.023-900. bittar@unifesp.br

² Laboratório de Endocrinologia Molecular e Translacional, Departamento de Medicina, EPM/Unifesp.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa realizada entre os anos de 2009 e 2011 sobre uma atividade universitária denominada Laboratório de Humanidades (LabHum). Esta pesquisa, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Ciências da Saúde, da Universidade Federal de São Paulo (CEDESS/Unifesp), teve como finalidade verificar o impacto que a experiência do Laboratório de Humanidades teve em seus participantes, e analisar em que medida essa experiência teve um efeito humanizador, de acordo com determinados referenciais teóricos e práticos, que aqui serão apresentados. Complementarmente a este objetivo central, esta pesquisa propõe verificar em que medida esta atividade universitária pode ser implementada como meio de uma formação humanística e de humanização em Saúde.

A metodologia utilizada neste estudo foi, sobretudo, a da História Oral de Vida (Gallian, 2008; Holanda, Bom-Meihy, 2007), a qual, através de entrevistas não diretivas com alguns participantes do LabHum, permitiu a composição de narrativas que se constituíram como fontes primordiais para a análise. Conjuntamente a esta abordagem recorreu-se, também, à Observação Participativa (Geertz, 2002; Bogdan, Biklen, 1994) e à Análise Documental (Miller, Crabtree, 2004) dos relatórios produzidos pelos participantes.

A análise de toda a documentação recolhida permitiu identificar temas imanentes que se inserem na discussão sobre a problemática da humanização em saúde, tal como vem sendo colocada pela bibliografia específica e pelas diretrizes das políticas públicas nacionais (Brasil, 2010, 2003).

A temática da humanização em saúde e o Laboratório de Humanidades

A ideia de realizar uma pesquisa sobre o LabHum surgiu a partir das perplexidades e questionamentos que nos advinham enquanto participantes ativos desta atividade. Atentos, por um lado, aos efeitos transformadores que experimentávamos em nós mesmos e em colegas próximos também participantes e, por outro, interessados em compreender e discutir novas propostas de formação humanística e humanização em saúde, o estabelecimento da experiência do LabHum como objeto de estudo no escopo de um programa de pós-graduação em Ensino em Ciências da Saúde configurou-se como algo extremamente pertinente.

Os que atuam profissionalmente na área da Saúde há algum tempo acabam por conhecer, inevitavelmente, os efeitos deletérios da desumanização que se vivencia de forma cotidiana e progressiva neste campo (Martins, 2002). Consequentemente, os últimos anos vêm conhecendo, também de forma cotidiana e progressiva, os programas de humanização, que, propostos por uma Política Nacional de Humanização (PNH), pretendem minorar ou reverter essa dinâmica desumanizadora (Brasil, 2001). A aplicação desta política através dos mais variados programas, ainda que tenha trazido inegáveis avanços na qualidade do atendimento, apresenta, entretanto, uma série de problemas, especialmente no que se refere ao impacto e aceitação por parte dos profissionais aos quais tais programas são destinados (Barros, Passos, 2005).

Segundo Gallian e Reginato (2009, p.124):

Quase sempre, considera-se como óbvio que o que se entende por humanização seja o desenvolvimento de ações e atitudes que redundem numa melhoria das relações dos profissionais da Saúde entre si e destes com seus pacientes, o que implica em maior respeito, consideração, atenção, enfim, uma maior humanidade. Neste sentido, programas de "treinamento" vêm sendo desenvolvidos, na intenção de promover "habilidades humanísticas" que serão "agregadas" às "competências técnicas" do profissional da Saúde, seja na sua base educacional, seja no exercício de sua prática. Ao se analisar, entretanto, os resultados de tais abordagens ou programas, levando-se em consideração as opiniões e sentimentos dos que estão sendo treinados ou "educados", percebe-se claramente a sua ineficácia.

Havendo perdido o élan com os fundamentos filosóficos e culturais humanísticos, essas novas propostas educacionais, nascidas no seio de uma cultura científico-tecnicista, pretendem "ensinar" ou "incutir" humanismo ou humanidade da mesma forma como ensinam e incutem habilidades cognitivas e técnicas. Os educandos ou profissionais, por sua vez, encaram todo esse processo como mais um conjunto de conteúdos e técnicas que precisam ser incorporadas, num pacote de "competências" e "habilidades" já demasiadamente pesado e exigente, que apenas incrementa a angústia e a ansiedade (Gallian, Pondé, Ruiz, 2012). Em suma, havendo descuidado do que é ser humano, a educação contemporânea, no intuito de humanizar, acaba, muitas vezes e paradoxalmente, por contribuir para a desumanização (Nakamoto, 2008).

Diante deste impasse que se observa frente à problemática da humanização em Saúde, urge reconsiderar a questão a partir de outros pressupostos teóricos e a partir de outras abordagens educacionais, que se fundamentem nestes pressupostos. De maneira particular, tal como propõe este trabalho, cabe investigar, por exemplo, a validade de uma proposta baseada na experiência estética das humanidades (concretamente da literatura) como meio de formação humanística e de humanização em Saúde.

Esta problematização, que justifica e fundamenta teoricamente esta pesquisa, referenciando e norteando seus objetivos, advém de um projeto de pesquisa maior, ao qual este trabalho está vinculado. Trata-se do projeto regular de pesquisa intitulado "As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação", que conta com o financiamento da Fapesp e congrega mais de uma dezena de pesquisadores em nível de iniciação científica (dos cursos de Medicina e Enfermagem), mestrado e doutorado dos programas de Saúde Coletiva e Ensino em Ciências da Saúde da EPM/Unifesp.

O projeto, iniciado em 2009, desenvolve-se em duas vertentes, uma "teórica" e outra "experimental". A primeira objetiva uma investigação "arqueológica" dos conceitos de humanidades e humanização, assim como das bases e pressupostos teóricos dos atuais programas e políticas de humanização. A segunda procura avaliar experiências e propostas de humanização a partir do campo das humanidades, enfocando, fundamentalmente, o LabHum e seus desdobramentos em diversos cenários, não apenas acadêmico como, também, profissional e corporativo, tal como em associações, hospitais, entre outros campos da Saúde. A pesquisa que aqui apresentamos insere-se nesta vertente "experimental" de seu projeto mantenedor, e se encontra centrada na análise do núcleo original e referencial das demais experiências: o LabHum da EPM/Unifesp.

Por conseguinte, tomando como base a noção de humanização, não como um conjunto específico de competências e habilidades, mas como um processo contínuo de ampliação da esfera do ser, tal como a caracteriza Teixeira Coelho (2001) a partir da obra de Montesquieu, nossa pesquisa objetivou avaliar em que medida e de que forma o LabHum pode ser considerado e proposto como um meio válido e efetivo de formação humanística e de humanização em Saúde.

O momento crítico em que nos encontramos, marcado fortemente, por um lado, pelo paradoxo do desenvolvimento científico-tecnológico *versus* desumanização e, consequentemente, pelo crescente ceticismo em relação às conquistas e realizações das ciências, e, por outro, pela crise dos fundamentos antropológicos da *perfectibilidade*, apresenta-se como contexto altamente propício para a retomada ou *resgate* das humanidades (Gallian, Pondé, Ruiz, 2012). Efetivamente, a tecnificação do conhecimento e, consequentemente, da educação, tem fragilizado e comprometido o próprio sistema, o próprio mercado. Num contexto de crescente dinamismo e diversificação, como é hoje, por exemplo, o mercado de trabalho, "uma educação que vise apenas à eficácia técnica especializada, corre o risco de se tornar, paradoxalmente, obsoleta" (Ribeiro, 2001, p.16), contribuindo para o processo de desculturalização do ensino (Teixeira Coelho, 2001). Entendendo a experiência da cultura como meio facilitador da experiência do difuso e do indeterminado e da ampliação da esfera de presença do ser, a educação por meio das humanidades apresenta-se como elemento indispensável para a própria *sobrevivência* da universidade no século XXI. Na visão de Teixeira Coelho, é através do exercício das humanidades que se desenvolve o *cogito prismático*, o tipo de pensamento requerido para abordar a realidade humana de uma maneira não idealista, portanto livre das condicionantes da precisão e do significado, tão característicos da perspectiva científica moderna. A *visão prismática* da realidade –

aquela propiciada pela arte, pela literatura – possibilita transcender uma interpretação do “mundo e da vida de acordo com o metro do preciso e do significado, do certo e do errado, do correto e do falso” (Teixeira Coelho, 2001, p.69).

O Laboratório de Humanidades

O Laboratório de Humanidades foi criado no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da EPM/Unifesp em 2003. Primeiramente, como atividade extracurricular livre, depois, como atividade de extensão e, mais recentemente, como disciplina eletiva para os cursos de graduação (medicina, enfermagem, fonoaudiologia e ciências biomédicas) e para os programas de pós-graduação do campus São Paulo/Unifesp. Trata-se de uma atividade que propõe a leitura e discussão de clássicos da literatura universal como meio de despertar a reflexão e contribuir para a formação humanística de estudantes e profissionais da área da Saúde.

Nascido de forma espontânea, como relata seu criador e coordenador, um dos entrevistados desta pesquisa (Colaborador 2), o LabHum teve início com um grupo de graduandos do curso médico da EPM/Unifesp que pretendia dar continuidade a uma prática de estudos experimentada durante a disciplina eletiva de História da Medicina. Tal disciplina consistia na leitura e discussões de textos de clássicos da medicina. Destes a dinâmica passou aos clássicos da literatura e, assim, a atividade evoluiu para seu formato característico, hoje batizado Laboratório de Humanidades.

Congregando, inicialmente, apenas alunos do curso médico, o LabHum ampliou sua esfera de participantes e passou a englobar não somente alunos de graduação dos cursos de Medicina, Enfermagem, Biomedicina e Fonoaudiologia, mas, também, pós-graduandos de diversos programas do campus São Paulo, além de funcionários e membros da comunidade Unifesp, denominados “Participantes Livres”. Em 2005, o LabHum foi credenciado como atividade de extensão junto à Unifesp e, em 2009, passou a ser oferecido aos programas de pós-graduação como atividade creditada, mediante avaliação de aproveitamento via relatórios e participação presencial. A dinâmica ou metodologia do LabHum, por sua vez, foi delineada ao longo de sua história e, em 2010, assumiu a forma atual. Tal dinâmica, portanto, consta de ciclos semestrais que contemplam leitura e discussão de dois a três livros por semestre, escolhidos pelos coordenadores. Uma vez escolhida a obra, esta deve ser lida previamente por todos que se matriculam no ciclo – o tempo determinado para tanto é de, aproximadamente, um mês, quando se trata do início do ciclo semestral (fevereiro e agosto), e de duas semanas, quando se trata de livros que serão discutidos no meio do ciclo semestral. Os encontros são semanais e têm duração de noventa minutos, sendo que a carga horária de cada ciclo semestral é de 28 horas. Atualmente, o LabHum é composto por duas turmas, nas quais participam, em média, trinta pessoas.

É importante esclarecer que, além dos alunos recém-matriculados a cada novo ciclo, existem aqueles que, mesmo já tendo participado do LabHum e obtido, portanto, créditos, rematriculam-se como “Participantes Livres”. Estes últimos, logo, constituem o que se costumou chamar de núcleo duro do LabHum.

No primeiro encontro, os coordenadores explicam os objetivos e a metodologia do LabHum, esclarecem os fundamentos teóricos que norteiam a atividade e indicam as relações entre: a) experiência estética provocada pela leitura, b) o processo de reflexão desencadeado pelo compartilhamento dessa experiência, e c) o consequente efeito humanizador que resulta de todo esse processo. Isso pressupõe, conforme informam os coordenadores, uma desconstrução ou requalificação do conceito de humanização, que vem sendo feita, de forma ampla, profunda e sistemática, através do grupo de pesquisadores que participam do projeto “As patologias da modernidade e os remédios das humanidades”.

Uma vez feita esta apresentação teórica e metodológica, inicia-se a primeira fase da dinâmica do LabHum: a fase das *histórias de leitura*. Neste momento, os participantes, posicionados em círculo, são convidados a narrarem, sucintamente, a forma de leitura individual da obra; quais os sentimentos, os afetos, as ideias, as lembranças e os questionamentos que emergiram desta leitura. Como explica um dos coordenadores do LabHum:

"[A] História de Leitura não é contar a história do livro, pois essa todo mundo já sabe, já que todo mundo leu, mas trata-se antes de contar a história da "minha leitura"; o que eu vi, o que eu senti ao ler esse livro; se gostei ou não gostei e porquê; quais os sentimentos, afetos que a sua leitura me suscitou... Trata-se de contar de que forma eu li o livro e o livro me leu...". (Colaborador 2)

Tal abordagem é considerada fundamental, na medida em que toda proposta de humanização que se quer autêntica e efetiva deve partir de uma "concepção tridimensional do ser, ou seja, de uma antropologia que veja o humano enquanto um ser dotado de afeto, inteligência e vontade" (Colaborador 2). Neste sentido, o autêntico processo de humanização só poderá ser desencadeado se partir de uma experiência que é primariamente afetiva; experiência esta que o contato com as artes, neste caso, a literatura, podem proporcionar de maneira íntegra.

A partir do compartilhamento e síntese das histórias de leitura, cabe ao coordenador elaborar e propor, para o encontro seguinte, o *itinerário de discussão*; a segunda fase da dinâmica ou metodologia do Laboratório de Humanidades.

"Uma vez mapeados os afetos, sentimentos, ideias e questionamentos trazidos através das *histórias de leitura*, pode-se esboçar um verdadeiro *itinerário de discussão*, que já aponta os passos a serem dados nos próximos encontros do LabHum. Trata-se, muitas vezes, de estabelecer um "programa de investigação" sobre determinados personagens do livro, indicando quem vamos 'investigar' primeiro e quem virá depois; ou então, de estabelecer uma sequência de temas ou questões que surgiram nas histórias de leitura e que procuraremos enfrentar... Às vezes, pode ser as duas coisas juntas". (Colaborador 2)

Esta é a fase central, mais extensa e fundamental da dinâmica do LabHum, ocupando, em média, de cinco a sete encontros semanais. É nesta fase que se desenvolvem as discussões mais importantes, girando em torno de personagens, percepções, atitudes, valores. Durante estes encontros, é muito frequente que a análise da obra remeta a situações da vida profissional e pessoal dos participantes, levando-os a refletir criticamente sobre sentimentos, atitudes e comportamentos próprios e alheios.

"É neste momento em que se percebe como a experiência estética, suscitando a reflexão, remete para a experiência vivencial, promovendo o exame crítico, a revisão de ideias, concepções e crenças. A comunicação entre arte, pensamento e vida se estabelece não apenas de forma intelectual, distante, mas de forma afetiva e efetiva, na medida em que gera um movimento de transformação". (Colaborador 2)

Fechando o ciclo de uma obra, apresenta-se a última fase da dinâmica da LabHum: a das *histórias de convivência*. Esta fase coincide com a última reunião do ciclo e é o momento de encerrar o *itinerário de discussão*. Neste encontro é solicitado que cada participante faça uma análise sobre a experiência que vivenciou nas fases anteriores; experiência advinda da leitura do livro e, também, do compartilhamento de outras leituras, das impressões, opiniões e considerações ouvidas e trabalhadas ao longo do ciclo.

"Momento de síntese, o encontro das *histórias de convivência* é a oportunidade de cada participante se perguntar e dizer: 'o que aprendi com esta obra? O que aprendi com toda essa experiência humana estética, afetiva e intelectual que vivenciei por causa deste livro nestas últimas semanas?' Geralmente, o momento das *histórias de convivência* estão marcados por fortes emoções, sendo muito comum o choro de alguns participantes, seguidos, invariavelmente, por pedidos de desculpas. Eu costumo dizer: será que chegamos a tal ponto de desumanização que precisamos pedir desculpas por sermos seres afetivos, dotados de sentimentos e emoções?". (Colaborador 2)

Apesar do clima afetivo e emotivo que algumas reuniões do LabHum podem apresentar, tão incomum no ambiente acadêmico atual, entretanto, é interessante notar que tais situações não se desdobram para o sentimentalismo. O lastro da obra literária e a estruturação da dinâmica determinada por uma metodologia clara e amadurecida, além do papel orientador dos coordenadores e a posição ativa de seus participantes, são elementos que explicam o harmonioso equilíbrio entre descontração, subjetividade e rigor intelectual e acadêmico, que caracterizam os encontros do LabHum.

Método

Partindo dos referenciais teóricos acima delineados e considerando as perguntas pertinentes à formação humanística e à humanização em Saúde, ponderamos a necessidade de buscar metodologias que possibilassem aceder não tanto à dimensão do factual e quantificável, mas do subjetivo e experiencial (Gallian, 2008). Logo, optamos pela complementaridade obtida da união de três metodologias de pesquisa qualitativa que se adequavam para nosso objetivo: a observação participante, a história oral de vida e a análise documental.

A observação participante, tal como vem sendo trabalhada no âmbito da pesquisa qualitativa (Bogdan, Biklen, 1994) – na qual a relação entre pesquisador e objeto se estabelece não a partir do princípio da neutralidade, mas, sim, a partir da noção de “explicitação da subjetividade como fundamento da objetividade” (Geertz, 2002, p.21) –, apresentou-se como uma abordagem adequada para descrever e compreender nosso objeto enquanto acontecimento. O emprego de seus referenciais e da perspectiva etnográfica delineada por Geertz (2002), por conseguinte, permitiram registrar e descrever o acontecimento LabHum em sua dinâmica, identificando seus diversos momentos, para observar a forma e a extensão do envolvimento de seus participantes nas diferentes fases acima delimitadas.

Além deste método, visando também avaliar o impacto desta experiência pioneira sob uma perspectiva mais individual, subjetiva e amplificada no tempo (Ousanger, Johannessen, 2010), a abordagem da história oral de vida, tal como proposta por Holanda e Bom-Meihy (2007), apresentou-se extremamente pertinente. Tal enfoque possibilitou, por sua vez, uma análise aprofundada das narrativas dos colaboradores, ilustrando a importância desta experiência no contexto das vivências profissionais e pessoais, tendo em vista a forma pela qual se opera o processo de humanização e desumanização no âmbito das Ciências da Saúde.

Dos 194 participantes, dez colaboradores foram selecionados, conforme os seguintes critérios: a) ser participante assíduo do LabHum (Quadro 1); b) estudar ou atuar na área da Saúde; c) aceitar o convite para conceder a entrevista, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; e d) “rendimentos decrescentes” (Holanda, Bom-Meihy, 2007, p.43) para encontrar o número ideal de entrevistas, evitando repetição excessiva de perfis (resumidos no Quadro 2).

As entrevistas livres e semiestruturadas, conforme preconizado por Bom-Meihy (2005), consistiram em explicitar os objetivos do projeto e, após o aceite do colaborador, pedir que este contasse a própria trajetória de vida, focando no âmbito da sua formação acadêmica e profissional. Ao longo da entrevista, oportunamente, foram feitas as seguintes “perguntas de corte”: de que forma a sua participação no LabHum o impactou? Como esta experiência afetou sua prática profissional?

Uma vez gravadas digitalmente, as entrevistas foram transcritas literalmente e, então, transcriadas (Bom-Meihy, 2005), ou seja, adaptadas para a linguagem escrita. Este processo de correção e reorganização do texto visou “transpor” o “acontecimento entrevista num relato literário, fiel ao mesmo tempo à fala do narrador e aos cânones fundamentais do código escrito” (Gallian, 2008, p.25). Em seguida, tais versões transcriadas foram devolvidas aos colaboradores, para revisão, correção e aprovação.

Por fim, tomando como referencial a abordagem de interpretação denominada imersão e cristalização, tal como sugerida por Miller e Crabtree (Denzin, Lincoln, 1994), empregamos a análise documental de registros diversos recebidos e armazenados no CeHFi/EPM/Unifesp – tais como: listas de presença, lista de obras lidas (Quadro 3), mensagens virtuais trocadas pelos participantes na lista de

Quadro 1. Colaboradores em ranking dos quarenta participantes mais ativos

Classificação	Formação	Vínculo	Participações	Colaborador
1	Historiador	Funcionário	92	
2	Biomédico	Estudante	87	5
3	Médica	CeHFi	85	
4	Médica	Ex-aluna	73	
5	Biomédico	Estudante	71	10
6	Médica	Externo	58	4
7	Psicóloga	Funcionário	58	1
8	Médica aposentada	Externa	55	
9	Filósofa e psicóloga	CeHFi	50	
10	Jornalista	Funcionário	47	
11	Administradora	Funcionária	43	
12	Psicoterapeuta	Externo	38	
13	Biólogo	Mestrado	36	8
14	Biomédica	Graduação	36	6
15	Bióloga	Externo	35	
16	Biomédica	Graduação	35	
17	Biomédica	Docente	34	
18	(não informado)	Externo	34	
19	Pedagoga	Doutorado	30	
20	Psicóloga	Externo	30	
21	Biomédica	Mestrado	30	
22	Enfermeira	Graduação	29	
23	Psicólogo	Doutorado	29	
24	Médica	Graduação	27	
25	(não informado)	Funcionário	26	
26	Assistente social	Externo	26	
27	Biomédico	Graduação	26	
28	(não informado)	Externo	25	
29	Médico	Funcionário	25	
30	Médica	Graduação	23	
31	Médica veterinária	Externa	22	7
32	Educador físico	(não informado)	21	
33	Enfermagem	Graduação	19	
34	(não informado)	(não informado)	19	
35	Psicóloga	Pós-Graduação	19	
36	Médico	Graduação	19	
37	Psicóloga	Especialização	18	9
38	(não informado)	(não informado)	17	
39	Enfermeira	Graduação	17	
40	Sociólogo	Mestrado	17	
...				
60	Enfermagem	Graduação	12	3

O colaborador 02 não aparece neste ranking por ser o coordenador do grupo e não assinar a lista de presença.

discussão por e-mail, relatos e testemunhos publicados no Blog do LabHum, relatórios semestrais produzidos com intuito de acreditação da disciplina elegida para fins acadêmicos, além do caderno de campo etnográfico e das próprias narrativas validadas. Deste modo, tal análise documental permitiu a composição de um quadro compreensivo do LabHum para o estabelecimento tanto do número e do perfil de seus participantes (idade, gênero, curso de origem, nível de formação, frequência e associação com a Unifesp), quanto do tom vital das narrativas (Quadro 2) e das categorias temáticas da análise documental.

Quadro 2. Perfil dos colaboradores

Entrevistado	Gênero e ano de nascimento	Profissão / Atividade	Tom vital da narrativa
1	Feminino, 1961	Psicóloga, funcionária da Unifesp	"Me incomodo muito com a injustiça e, não sei explicar direito, e eu pego pesado mesmo."
2	Masculino, 1966	Historiador, docente na Unifesp e coordenador do <i>LabHum</i>	"O mais importante é perceber o impacto que a literatura tem na experiência de vida da pessoa, e fomentar isso!"
3	Feminino, 1983	Graduanda de Enfermagem na Unifesp	"Para mim era um mundo diferente e novo, eu não conhecia aquelas discussões, era tudo novidade!"
4	Feminino, 1949	Médica formada pela EPM/Unifesp	"... a história da minha vida parece ser permeada por essas decisões do coração, que às vezes fala mais alto e mostra um rumo."
5	Feminino, 1983	Biomédica graduada e mestre pela Unifesp	"A minha experiência inicial com o <i>LabHum</i> foi de total surpresa, eu não entendi nada daquilo, mas achei maravilhoso, e então algo na minha mente se abriu!"
6	Feminino, 1984	Biomédica graduada, Mestranda pela Unifesp	"A ciência te dá muitas informações, mas te consome, te exige uma dedicação quase exclusiva, e há uma supervalorização desse lado técnico-científico, mas foram as humanidades que me salvaram de um naufrágio. Foi o <i>LabHum</i> que me deu a oportunidade de parar para pensar e ver o que estava dentro de mim mesmo! A experiência do <i>LabHum</i> foi meu ponto de virada."
7	Feminino, 1955	Veterinária, docente na UFRPE e doutoranda pela USP	"Eu vejo como o <i>LabHum</i> deu respaldo para que eu tivesse essa humanidade, alterou meu fazer, meu ofício de professora, hoje eu não sou apenas professora, sou uma pessoa, e estou professora, e tento melhorar, e é assim que vejo minha vida hoje."
8	Masculino, 1976	Biólogo e mestrando pela Unifesp	"Eu vim para a Unifesp com o propósito de conhecer novos pontos de vista, ver a realidade de uma universidade, da pós- graduação, encontrar novos pontos de vista, mas foi só o <i>LabHum</i> que me permitiu realizar isso."
9	Feminino, 1983	Psicóloga e especialista pela Unifesp	"Se eu não olhar para o paciente como uma pessoa, não vou conseguir tratá-lo. Então comecei a perceber que eu estava totalmente fechada naquele mundo, eu precisava sair para poder ter essa visão mais ampla e humana. E acho que uma das melhores formas é através da leitura, através da literatura, porque fala de sentimentos humanos, e ter um espaço onde se possa compartilhar essa experiência, é importante!"
10	Masculino, 1988	Biomédico, graduado e mestrando pela Unifesp	"O <i>LabHum</i> participa mais de mim do que eu do <i>LabHum</i> , porque aquelas discussões continuavam repercutindo na minha vida durante a semana!"

Quadro 3. Cronograma de obras trabalhadas

2006 – 1º semestre O apanhador no campo de centeio, de J.D. Salinger História sem fim, de Michael Ende Dom Quixote, de Miguel de Cervantes y Saavedra Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector A insustentável leveza do ser, de Milan Kundera	2009 – 1º semestre O coração disparado, de Adélia Prado Zorba, o grego, de Nikos Kazantzakis Quincas Borba, de Machado de Assis A metamorfose, de Franz Kafka
2006 – 2º semestre Anna Karenina, de Tolstói Anima mundi ou A alma do mundo, de Suzana Tamaro A tempestade, de Shakespeare	2009 – 2º semestre Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector Macbeth, de William Shakespeare O senhor dos anéis, de JRR Tolkien
2007 – 1º semestre O idiota, de Dostoiévski Vá aonde seu coração mandar, de Susanna Tamaro O sentido da vida, de Mitch Albom	2010 – 1º semestre Os demônios, de Dostoiévski Dom Casmurro, de Machado de Assis
2007 – 2º semestre Franny e Zooey - Família Glass, de J.D. Salinger Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll Frankenstein, de Mary Shelley	2010 – 2º semestre A odisséia, de Homero O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde
2008 – 1º semestre A morte de Ivan Illich, de Tolstói Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis Crime e castigo, de Dostoiévski	2011 – 1º semestre A divina comédia. Livro I, "O Inferno", de Dante Alighieri Alice através do espelho, de Lewis Carroll
2008 – 2º semestre Primeiras estórias, de Guimarães Rosa A morte de Ivan Illich, de Tolstói Os Irmãos Karamazov, de Dostoiévski	2011 – 2º semestre Admirável mundo novo, de Aldous Huxley Zorba, o grego, de Nikos Kazantzakis

Cabe ainda esclarecer que, durante esta etapa de análise documental, o processo de imersão e cristalização das categorias temáticas consistiu na leitura atenta e confronto exaustivo de todos os dados ou elementos que emergiram das fontes documentais supracitadas, em associações combinatórias e repetitivas (Denzin, Lincoln, 1994). Esta metodologia, aliada ao processo de obtenção das narrativas dos colaboradores, garantiram a validade dos achados.

Resultados e discussão

Como ponto de partida para nossa análise, investigamos o perfil de seus participantes e verificamos sua assiduidade. Para tal, utilizamos dados das listas de presença dos encontros semanais, com o objetivo de quantificar as inscrições e mapear a participação de cada indivíduo. Para tal, consideramos o período de janeiro de 2006 a dezembro de 2010 (dez semestres), durante o qual foram realizados cento e vinte encontros, em média 12 por semestre.

Nestes cento e vinte encontros, 31 obras foram lidas e discutidas (Quadro 3) por um total de 194 participantes presenciais, dos quais 64 são homens (33%) e 130 mulheres (67%); sendo que, entre os quarenta que mais participaram, dez são homens (25%) e trinta mulheres (75%), delineando, portanto, um perfil majoritariamente feminino entre os participantes.

Sistematizando os achados desta primeira análise de cunho quantitativo sobre o perfil de participação no LabHum, verificamos que tais participantes constituem três categorias dentro da população dos que frequentam tal atividade: estudantes de graduação e de pós-graduação dos diversos cursos e programas

oferecidos no campus São Paulo/Unifesp, além dos “participantes livres” (docentes, funcionários, pessoas do entorno geográfico e da comunidade em geral). Cada uma dessas categorias de participantes representa 1/3 da totalidade do grupo, que perfaz, em geral, trinta pessoas por turma, sendo que a maioria (95%) pertence à área da Saúde.

Considerando os objetivos de nossa pesquisa, centrados na investigação do impacto que o LabHum pôde produzir em seus participantes, a análise das fontes documentais estabeleceu uma série de categorias temáticas que nos permitiram perceber de que forma a experiência do LabHum impactou seus participantes, contribuindo para a sua formação humanística, ou para o processo de humanização, dentro de um contexto acadêmico em Saúde.

Constatamos, portanto, que o impacto da experiência se dá, de acordo com cada participante, em níveis e dimensões distintas, apresentando-se, primariamente, por exemplo, como uma **oportunidade de encontro com as humanidades** ou, então, de **reencontro**, reforçando e ampliando uma experiência já vivenciada. Por outro lado, constatamos, também, em que medida a experiência do LabHum despertou ou veio ao encontro da reflexão sobre o **olhar para o outro**, determinando um espaço de **encontro consigo mesmo**, um espaço de **abertura e ampliação de horizontes** e, inclusive, de **mudança de vida ou ponto de inflexão**.

LabHum: espaço de encontro com as humanidades e a literatura

Sete dos dez colaboradores relataram que, apesar de atuarem na área da Saúde, trazem, em sua história de vida, um especial interesse e envolvimento com as humanidades, em especial, com a literatura. Neste sentido, o interesse pelo LabHum se deu por afinidade com a temática e como uma oportunidade de, num contexto acadêmico estritamente técnico e científico, como o de um campus universitário na área da Saúde, encontrar um espaço de reencontro com a literatura e as humanidades.

Três colaboradores relataram que, apesar de terem algum contato esporádico e superficial com a literatura, passaram a descobrir o verdadeiro prazer e a real importância desta experiência a partir de sua participação no LabHum. Exemplos:

“A literatura já estava na minha vida, mas em pouca quantidade, eu lia dois ou três livros por ano. [...] Mas o **LabHum acelerou minha leitura**. Hoje, além dos livros do LabHum, eu leo pelo menos mais três a cada semestre. E o importante não é só que estou lendo mais, mas é a qualidade dessa leitura!”. (Colaborador 8)

“Mudei muito a minha forma de lidar com os livros e isso foi muito rápido a meu ver. Sempre gostei muito de livros mas não conseguia ter ritmo de leitura. Agora que existe um grupo muito acolhedor, **ler e compartilhar traz muita satisfação**. Tanto isto é verdade que já estou lendo até outros livros, simultaneamente...”. (Mensagem virtual de L.N.)

LabHum: espaço de encontro consigo mesmo

Para outros participantes, o LabHum apresenta-se como um “ponto de encontro consigo mesmo”, um lugar de “ser como se é” (Colaboradores 4 e 8). Relatam reencontros com hábitos perdidos, como o da leitura, ou a satisfação por encontrar um grupo que os acolhesse, tal como se pode perceber nesta mensagem virtual enviada por E.C.H.: “O LabHum é um espaço de inteligência e sensibilidade, que faltava totalmente em minha vida desde minha adolescência”.

Neste sentido, o LabHum aparece no relato desses participantes como um espaço de expressão da sensibilidade; um lugar para que se “escute também o coração e não apenas a razão” (Colaboradora 4). A imagem de “espaço de identificação e aceitação” e, mesmo, de “refúgio” das sensibilidades também é recorrente. A colaboradora 4 o traduz poeticamente: “[...] eu acho que é isso que o LabHum me dá: um momento de certo conforto, onde encontro o professor e os colegas com o mesmo olhar e a mesma música”.

Portanto, na dinâmica desumanizadora da cultura científica na área da Saúde, a experiência do LabHum, enquanto espaço fomentador das sensibilidades e da reflexão, pode significar, para alguns participantes, uma tábua de salvação humanística:

"A ciência te dá muitas informações, mas te consome, te exige uma dedicação quase exclusiva, e há uma supervalorização desse lado técnico-científico, mas foram as humanidades que me salvaram de um naufrágio. Foi o LabHum que me deu a oportunidade de parar para pensar e ver o que estava dentro de mim mesmo! ". (Colaboradora 6)

LabHum: espaço de revisão do olhar para o outro

Esta experiência de encontro consigo mesmo, que o LabHum proporciona, se desdobra, no relato de muitos participantes, numa revisão do olhar em relação ao outro, de maneira particular naqueles que, por força do ofício, são obrigados a lidar com pacientes. Configura-se, portanto, como uma chance para a prática da reflexão ética e, consequentemente, para a vivência do ato ético. Desta maneira, relata a colaboradora 4: "Eu estudava [radiologia], eu lia, mas algo não entrava, faltava o paciente. A experiência do LabHum possibilitou perceber o que estava faltando; essa peça chave que é o paciente".

A descoberta da literatura como uma forma de sair de si mesmo e aprender a ver o outro é um dos efeitos mais ressaltados no âmbito da experiência do LabHum. O impacto na mudança da relação entre profissional da Saúde e paciente é um ponto importante a ser evidenciado:

"Se eu não olhar para o paciente como uma pessoa, não vou conseguir tratá-lo. Então comecei a perceber que eu estava totalmente fechada naquele mundo, eu precisava sair para poder ter essa **visão mais ampla e humana**. E acho que uma das melhores formas é através da leitura, através da literatura, porque fala de sentimentos humanos, e ter um espaço onde se possa **compartilhar essa experiência é importante!**". (Colaboradora 9)

Ressalta-se, aqui, que mais do que a simples leitura individual, o que os participantes destacam é a importância da vivência e do compartilhamento das leituras no espaço do Laboratório de Humanidades, e o exercício de expressão e escuta que a sua dinâmica proporciona:

"Outra coisa que estamos acostumados é não falar que o outro está certo, mesmo que esteja. Treinamos para criticar e nunca ceder, e no LabHum eu treino para ceder, porque todos falam seu ponto de vista, pode ser certo ou não, pode ser e pode não ser. Aceitar opiniões diferentes é um treino e é difícil. As pessoas normalmente não estão tão abertas, às vezes eu vou conversar com minha irmã ou com meu namorado, e tenho que falar com jeito, pois as pessoas se ofendem com facilidade!". (Colaboradora 5)

LabHum: espaço de ampliação de horizontes

Outro aspecto apontado por diversos participantes é o de como a participação no LabHum proporcionou uma ampliação de horizontes em termos de conhecimentos e perspectivas sobre a vida, sobre o homem e sobre si mesmo. Tal experiência é descrita por alguns colaboradores, a princípio, como uma surpreendente novidade: "A minha experiência inicial com o LabHum foi de total surpresa, eu não entendi nada daquilo, mas achei maravilhoso, e então algo na minha mente se abriu!" (Colaboradora 5). Da mesma forma, relata a colaboradora 3: "Para mim era um mundo diferente e novo, eu não conhecia aquelas discussões, era tudo novidade!"

Tal sentimento de presenciar algo inusitado, porém atraente, foi se concretizando, segundo muitos relatos, numa percepção de abertura para "novos pontos de vista" que, aos poucos, foi sendo identificada com a própria formação humanística.

"Eu vim para a Unifesp com o propósito de conhecer novos pontos de vista, ver a realidade de uma universidade, da pós-graduação, encontrar novos pontos de vista, mas foi só o LabHum que me permitiu realizar isso". (Colaborador 8)

Há, portanto, uma identificação entre a experiência descrita pelos participantes do LabHum e aquela que Teixeira Coelho (2001) qualifica de efetiva experiência de humanização: a da ampliação da esfera do ser. Verificamos, aqui, o movimento característico do processo de humanização que a experiência das humanidades permite desencadear no âmbito das Ciências Naturais modernas, comumente chamadas de ciências duras:

"O LabHum participa mais de mim do que eu do LabHum, porque aquelas discussões continuavam repercutindo na minha vida durante a semana! [...] O LabHum me fez crescer durante a graduação, porque foi o espaço em que encontrei como refúgio, permitindo-me respirar e sobreviver. Era o momento de minha semana que conseguia fugir da questão estritamente obrigatória da academia, da pesquisa, e era quando podia fazer algo que eu realmente queria fazer: sentar e discutir literatura com outras pessoas igualmente interessadas. Era como se nós nos reunímos uma vez por semana, acendêssemos uma fogueira, discutíssemos em torno dela, depois a apagássemos e fossemos embora. Mas a fogueira continuava acesa dentro de cada um". (Colaborador 10)

A identificação da experiência do LabHum enquanto meio de humanização, promotor de maior humanidade, aparece de forma explícita na fala de um Colaborador que exerce a docência:

"Eu vejo como o LabHum deu respaldo para que eu tivesse essa humanidade, alterou meu fazer, meu ofício de professora, hoje eu não sou apenas professora, sou uma pessoa, e estou professora, e tento melhorar, e é assim que vejo minha vida hoje". (Colaboradora 7)

LabHum: uma experiência de renovação de vida

Por fim, em diversos relatos, identificamos o impacto decisivo do LabHum na mudança de rumos nas trajetórias de vida. O LabHum surge, assim, como "ponto de virada" (Colaboradora 6), como descoberta de novas possibilidades de se "renovar a atividade cotidiana" (Colaboradora 3), de "contribuir para a melhoria da vida profissional" (Colaboradoras 5 e 9) e, mesmo, "pessoal" (Colaborador 8). Em muitos casos, o LabHum aparece como impulso para retomada de estudos: "e sabe o que mais: acho que minha última desculpa para 'adiar' o mestrado perdeu o sentido. Já estou começando a pensar por onde devo começar [...]" (mensagem virtual de L.N.).

A descoberta do humano através das artes – aqui, a literatura – e através do compartilhamento das leituras, sentimentos e reflexões, estabelece um movimento de mudança interior que tende a se expandir na atividade exterior, determinando ações humanizadoras concretas dentro do âmbito das Ciências da Saúde.

"A experiência do LabHum foi meu **ponto de virada** [...] E foi então que eu resolvi fazer algo na área de Bioética, mas que eu pudesse também usar alguma coisa que eu tinha aprendido até então, pois havia aprendido tanta coisa. Pensando nisso, por causa de algumas conversas que eu tive e do LabHum, sobre a questão da humanização, porque se tem tanto essa preocupação no tratamento humanitário dos pacientes, [lembrei d]a questão do médico, que muitas vezes vira paciente, porque não aguenta essa loucura de jornada". (Colaboradora 6)

Contextualizando categorias: o LabHum como experiência humanizadora

Uma vez descrita a experiência prática vivenciada pelos participantes do LabHum e colaboradores deste estudo, partimos, primeiramente, para uma melhor contextualização das discussões sobre seu impacto humanizador na formação em Saúde. Assim, segundo a visão de López Quintás (2009), um local de encontro e discussão sobre literatura pode ser uma ótima oportunidade para o desenvolvimento e busca do humano pleno, ou seja, podemos dizer, um local de humanização. O “encontro” é uma estratégia humanizadora prevista no PNH (Pasche, 2010 p.65), pois o trabalho em grupo “contribui para a recuperação do prazer de ensinar e aprender e incorpora a provisoriação e a multiplicidade que permeiam o cotidiano” (Ruiz-Moreno, 2004, p.99). Aprendizagem e formação, objetivos fundamentais da universidade, só são reais e efetivos, entretanto, quando partem das experiências que se apresentam como acontecimento interativo e significante. Para Bondia (2002, p.24)

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Sabemos que sem o envolvimento integral da pessoa, enquanto ser dotado de sentimento, inteligência e vontade, não pode haver uma efetiva experiência de humanização (Gallian, 2009). Segundo Pasche (2010), o aspecto afetivo da formação é essencial: deixar-se tomar pelos sentimentos é uma forma de causar identificação e abertura, e saber entender e exprimir seus próprios sentimentos é uma forte característica da formação humanista.

Em nossa análise sobre a experiência proporcionada pelo Laboratório de Humanidades, verificamos como o deslocamento causado pela leitura de obras marcantes (clássicos literários) e a discussão em grupo favorecem os acontecimentos interativos, a sensibilização.

“O Laboratório é um lugar que cuida da alma. Representa para mim um momento de deleite, de prazer, de encontro. É um grupo sério sem ser carrancudo; ousado sem ser pretensioso; constituído por pessoas divertidas, emocionadas e emocionantes!” (Mensagem virtual de M.C.)

Para Compagnon (2006, p.38), a literatura, apesar de todo processo de “expropriação determinado pela crítica especializada no último século”, continua sendo um lugar privilegiado da experiência humana mais ampla e aprofundada, pois permite a expressão de sentimentos e ideias latentes. “É a literatura que nos dá palavras para exprimir sentimentos que estão em nós, e nem sequer sabíamos sentir, pois não conhecíamos termos para os definir” (p.38).

Pudemos verificar a materialização de tal experiência no espaço do LabHum. Como explicita a colaboradora 5: “Antes do LabHum eu tinha muita dificuldade de expor as minhas opiniões e de colocar meus sentimentos em palavras. Eu sentia, mas não conseguia falar, expor, explicar”. Ora, a capacidade de formular, de encontrar a palavra que expresse os conteúdos afetivos e interiores é, segundo Ortega y Gasset (1999), um dos elementos fundamentais do processo de humanização, na medida em que permite ponderar, estabelecer uma ponte entre conteúdo e forma, entre afeto e conhecimento.

Desta forma, a identificação e abertura causadas pela experiência interativa acabam por levar a uma construção de conhecimentos. Calvino (1993) e Compagnon (2006) ressaltam a experiência da leitura como essencial para o desenvolvimento pessoal. Destacam ainda como essa pode ser uma experiência impactante e cativante. De fato, percebemos esse impacto em nossos colaboradores, especialmente com a ampliação causada pela discussão com o grupo de emails do LabHum. Tal saída da zona de conforto é oportunidade para a criação e um dos objetivos do emprego das humanidades para

uma formação humanística e de humanização em Saúde: “para mim, o Laboratório de Humanidades é um lugar de ‘formação’ de inquietos, um lugar de ‘desadequação’” (mensagem virtual de T.G.B.). Tal movimento de desadequação e inquietação provocado pela experiência da reflexão apresenta-se como objetivo fundamental das humanidades, que deve aportar um impacto criativo e transformador no âmbito das ciências, como bem aponta Ribeiro (2001).

Por fim, todo esse processo de interpelação na esfera dos sentimentos, dos afetos, que desencadeia o movimento de reflexão crítica, acaba por desembocar na dimensão da vontade, que se concretiza em decisão, em ação. Neste sentido, observamos, também, a medida em que a experiência concreta do LabHum determinou mudanças de atitude em diversas dimensões.

Assim, mudanças e transformações no plano afetivo, intelectivo e volitivo (das atitudes) apontadas pelos testemunhos, mensagens virtuais e relatos produzidos através das entrevistas de história oral de vida parecem, portanto, indicar que a experiência formativa proporcionada pelo LabHum tem um forte impacto humanizador em uma significativa parcela de seus participantes. Verificamos como tal atividade, através de uma abordagem particular da leitura e compartilhamento da leitura de obras clássicas da literatura universal, apresenta-se como oportunidade de ampliação da esfera do ser (Teixeira Coelho, 2001). Ampliação esta, que se identifica com o processo de humanização, na medida em que se apresenta como a construção de uma

livre e inclusiva manifestação dos diversos sujeitos no contexto da organização das práticas de atenção à Saúde, promovida por interações sempre mais simétricas, que permitam uma compreensão mútua entre seus participantes e a construção consensual dos seus valores e verdades. (Ayres, 2005, p.9)

Conclusões

Mobilizados, portanto, pelo impacto que a participação nesta atividade universitária inserida no contexto das Ciências da Saúde causou, e pelo interesse em nos aprofundarmos na temática das propostas de humanização em Saúde, aqui detalhamos e analisamos a experiência do acontecimento estético e interpelativo: o Laboratório de Humanidades da EPM/Unifesp.

Norteados por referenciais teóricos específicos que fundamentam o projeto de pesquisa mais amplo no qual este trabalho se insere, e que buscam discutir criticamente a temática da humanização em Saúde, e instrumentalizados por abordagens metodológicas pertinentes, de viés qualitativo, lançamo-nos nesta investigação que pretendeu não apenas compreender, mas avaliar o LabHum enquanto uma efetiva proposta de humanização em Saúde.

Como resultado, verificamos, através dos testemunhos e manifestações de seus participantes, que a experiência propiciada pelo LabHum apresenta efetivo impacto humanizador, na perspectiva da humanização enquanto ampliação da esfera do ser.

O LabHum, portanto, ao propor a leitura de obras clássicas da literatura universal e ao propiciar um espaço de compartilhamento das diversas leituras e vivências destas leituras, suscita não apenas a experiência interpelativa no âmbito afetivo, próprio do acontecimento estético, como cria as condições propícias para que estas experiências sejam expressadas e processadas, num contexto que se poderia denominar de educação dos afetos.

Estabelecendo, consequentemente, a partir desta experiência estético-afetiva, um itinerário de discussão, o LabHum suscita também o desencadeamento de processo reflexivo que, por sua vez, demanda a participação efetiva da esfera cognitivo-intelectiva do humano. Tais processos propiciaram o desenvolvimento do pensamento crítico, desencadeador de revisões e transformações no âmbito das atitudes, conforme constatado nas narrativas dos colaboradores.

Apresentando-se, portanto, como um espaço de encontro com as humanidades, como “recuperador” ou “fomentador” da leitura; como espaço de mergulho ou encontro com a própria interioridade, no âmbito afetivo e intelectivo; como espaço de encontro com o outro, na dimensão do aprendizado da escuta; como espaço de ampliação da esfera do ser e abertura para novas dimensões da

realidade, e, por fim, como espaço determinador de mudanças e transformações de ordem profissional e pessoal, o LabHum responde, efetivamente, às exigências de uma autêntica experiência humanizadora, dentro de um contexto acadêmico em Saúde.

Ainda que de forma parcial, já que esta é a primeira pesquisa sistemática introdutória sobre o LabHum da EPM/Unifesp, podemos concluir, entretanto, que o caminho delineado por ele pode perfeitamente servir como modelo e inspiração para outras iniciativas que, no âmbito das propostas das PNH, busquem fomentar a humanização em Saúde não pelo viés técnico do treinamento, mas pelo da experiência estético-reflexiva propiciada pelas humanidades.

Colaboradores

Os autores trabalharam juntos em todas as etapas de produção do manuscrito.

Referências

- AYRES, J.R.C.M. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Cienc. Saude Colet.**, v.10, n.3, p.549-60, 2005.
- BARROS, R.B.; PASSOS, E. Humanização na saúde: um novo modismo? **Interface – Comunic., Saude, Educ.**, v.9, n.17, p.389-94, 2005.
- BITTAR, Y. **Um laboratório para a humanização em saúde** - o Laboratório de Humanidades e a literatura como instrumento de humanização. 2011. Dissertação (Mestrado) - Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2011.
- BOGDAN, R.C.E.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOM-MEIHY, J.C.S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- BONDIA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n.19, p.20-8, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da área de Saúde**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2010.
- _____. Ministério da Saúde. **Humaniza SUS**: Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COMPAGNON, A. **Literatura para que?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1994.
- GALLIAN, D.M.C. O que é o Laboratório de Humanidades: sua história, seu “funcionamento” e sua finalidade. **Blog do LabHum**. 2009. Disponível em <<http://labhum.blogspot.com/2009/10/o-que-e-o-laboratorio-de-humanidades.html>>. Acesso em: 05 set. 2011.
- _____. **75X75 EPM/Unifesp**: uma história, 75 vidas. São Paulo: Editora da Unifesp, 2008.
- GALLIAN, D.M.C.; REGINATO, V. Relação assistencial e sua humanização. In: RAMOS, D.L.P. (Org.). **Bioética, pessoa e vida**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009. p.117-33.
- GALLIAN, D.M.C.; PONDÉ, L.F.; RUIZ, R. Humanização, humanismos e humanidades: problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil. **Rev. Int. Hum. Med.**, v.1, n.1, p.5-15, 2012.

- GEERTZ, C. **Obras e vidas:** o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- HOLANDA, F.; BOM MEIHY, J.C.S. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- LÓPEZ-QUINTÁS, A. A experiência estética, fonte inesgotável de formação humana. In: VIDETUR. – 19. s/d. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur19/quintassilvia.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2009.
- MARTINS, M.C.F.N. Humanização na Saúde. **Ser Medico**, v.18, p.27-9, 2002.
- MILLER, W.L.; CRABTREE, B.F. Clinical research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Orgs.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. p.340-52.
- NAKAMOTO, P.S. A humanização no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu sob a perspectiva dos profissionais de saúde. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.12, n.26, p.684-5, 2008.
- ORTEGA y GASSET, J. **A desumanização da arte**. Trad. Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez, 1999.
- OUSAGER, J.; JOHANNESSEN, H. Humanities in undergraduate medical education: a literature review. **Acad. Med.**, v.85, n.6, p. 988-98, 2010.
- PASCHE, D.F. Humanizar a formação para humanizar o SUS. In: BRASIL. Ministério da saúde. **Cadernos Humaniza SUS**. Brasília, 2010. v. 1. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2011.
- RIBEIRO, R.J. (Org.). **Humanidades:** um novo curso na USP. São Paulo: Edusp, 2001.
- RUIZ-MORENO, L. Trabajo en grupo: experiencias innovadoras na área da educação em saúde. In: BATISTA, N.A.; BATISTA, S.H.; ABDALLA, I.G. (Orgs.). **Docência em saúde: temas e experiências**. São Paulo: Editora Senac, 2004. p.85-100.
- TEIXEIRA COELHO, J. A cultura como experiência. In: RIBEIRO, R.J. (Org.). **Humanidades:** um novo curso na USP. São Paulo: Edusp, 2001. p.65-101.

BITTAR, Y.; SOUSA, M.S.A.; GALLIAN, D.M.C. La experiencia estética de la literatura como forma medio de humanización en el área de salud: el Laboratorio de Humanidades de la Escuela Paulista de Medicina/ Universidad Federal de São Paulo, Brasil. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.17, n.44, p.171-86, jan./mar. 2013.

Ese trabajo enfoca el Laboratorio de Humanidades (LabHum) del Centro de Historia y Filosofía de las Ciencias de la Salud (CeHFi) de Unifesp. El objetivo fue analizar de qué manera esta actividad formativa, fundada en la experiencia estética y reflexiva provocada por la lectura de clásicos de la Literatura impacta en estudiantes y profesionales de salud, promoviendo la formación humanística y la humanización en salud. Partiendo de una metodología cualitativa, basada en observación participante y en historia oral de vida, se trata de evaluar y comprender cómo una actividad formativa basada en las humanidades puede ser propuesta como un camino de humanización en salud. Los resultados demuestran la eficacia de este planteamiento, en la medida en que la experiencia estética posibilitada por la lectura de los clásicos afecta los participantes del LabHum, generando un movimiento de reflexión que redunda en cambios en el ámbito profesional y personal.

Palabras-clave: Humanización. Humanidades. Literatura. Educación en salud. Universidad.

Recebido em 06/06/12. Aprovado em 19/11/12.